



Parque Tecnológico da UFRJ com o Foco na Sustentabilidade: Em Busca da Realização de Projetos Estruturantes que Gerem Resultados Positivos

Informações da Matéria

Histórico:

Recebimento: Maio 2016

Revisão: Maio 2016

Aprovação: Maio 2016

Palavras-chave:

Sustentabilidade

Coworking

Ecossistema de Inovação

O Rio de Janeiro ganhou um Parque Tecnológico que preconiza a sustentabilidade. A decisão do Conselho Universitário, em 1997, de destinar parte do Campus do Fundão, na Ilha da Cidade Universitária, para a implantação do Parque expressou a visão estratégica da Universidade no sentido de recuperar uma área antes degradada para inaugurar um novo capítulo da história da UFRJ; A criação de um ambiente de inovação, conectado às áreas acadêmicas da universidade e à cidade do Rio de Janeiro. Em 2015 foi iniciado um processo para sistematizar as ações, tornando a sustentabilidade uma direção estratégica.

Olhar para uma grande universidade, seu potencial, e o mundo de possibilidades do Parque como cenário de desenvolvimento. Essa é uma das funções do atual diretor, José Carlos Pinto, ao considerar essencial que o conhecimento

produzido nas salas de aula e laboratórios se transforme em bens reais para a sociedade.

1. Política de sustentabilidade do Parque e iniciativas bilaterais

A Política de sustentabilidade do Parque visa promover iniciativas bilaterais com as empresas residentes (incluindo empresas multinacionais com programas já estruturados), de modo a estimular o engajamento e a participação de técnicos e pesquisadores em projetos estruturantes que gerem impactos positivos e mensuráveis no Campus da UFRJ e seu entorno. Dos temas a serem trabalhados destacam-se: mobilidade, infraestrutura de informação e comunicação, saneamento (água, esgoto e resíduos), energia elétrica, segurança pública e o tratamento ambiental adequado ao clima da Ilha e à natureza das atividades de P&D.

2. Parque aumenta espaço de convivência e aposta na articulação dos negócios e no desenvolvimento da inovação

Ao completar 13 anos em 2016, o Parque busca acelerar o processo de instalação de pequenas e médias empresas, investir na prospecção de centros de pesquisa de companhias de áreas diversas de atuação, além de aumentar os seus espaços de convivência. De acordo com José Carlos Pinto, há novas iniciativas em andamento, como o primeiro programa de pós-incubação do Brasil para empresas saídas de incubadoras, de todo o país, cujo objetivo é dar apoio para estruturação e crescimento dessas empresas, além de ajudar na articulação dos negócios e no desenvolvimento da inovação. Uma segunda iniciativa foi a inauguração de um novo espaço para empresas inovadoras, criativas e com alto potencial de interação com a UFRJ e com as companhias do Parque – espaço de Coworking.

“A partir de agora, quem desejar compartilhar o espaço de trabalho e, principalmente, fazer parte de um ambiente de inovação e empreendedorismo, pode se candidatar a uma vaga por meio do edital disponível no site www.parque.ufrj.br. Além disso, estamos também com edital aberto para a instalação de empresas de todos os portes que queiram se instalar em 808 m² para a ocupação de até 16 salas”, frisa o professor José Carlos.

A agenda do Parque da UFRJ comporta, para 2016, a inauguração dos centros de pesquisa da BG e da Ambev. Há ainda a intenção de se intensificar as atividades de prospecção de companhias das mais variadas áreas de atuação, com foco nas atividades de biotecnologia e farmácia. Outra ação importante para 2016 é a humanização do Parque, abrindo oportunidades de interação com outros setores da universidade.

“Estamos construindo um prédio, que chamamos de Cubo, para sediar exposições de tecnologias. A ideia é usar o espaço como um centro de convivência para a comunidade do Parque”, comemora o diretor.

3. Desafio e o legado

O desafio de dar continuidade ao legado do ex-diretor e fundador do Parque, Mauricio Guedes, é para José Carlos uma forma de contribuir para desenvolver um país moderno, mais livre e justo, criando uma agenda capaz de garantir um ambiente adequado para ciência, tecnologia e inovação. Ele diz que tudo isso requer um esforço continuado e entusiasmado de instituições acadêmicas, governamentais e empresariais. Assim, em entrevista à nossa revista, o diretor do Parque falou dos planos e dos desafios na sua gestão.

G&G - No momento de crise econômica do País, como isso se reflete nos projetos em andamento? Poderia nos explicar como é a construção dessas ‘pontes’ entre a Universidade e o mercado de trabalho?

José Carlos Pinto - Nós temos observado um interesse continuado, tanto nas atividades de P&D quanto na vinda ao Parque. É inegável que o cenário é complicado, mas as empresas que fazem pesquisa têm estratégias de longo prazo. Ninguém faz um investimento de muitos milhões em um centro de pesquisa pensando nos próximos seis meses. Elas estão alinhadas com esses projetos e firmamos contratos de 20 anos, renováveis por mais 20 anos.

4. Um ecossistema de inovação

A premissa de um Parque instalado em um campus universitário é de que as nossas atividades acadêmicas sejam relevantes para as empresas. Dessa forma, é esperado que possam ocorrer colaborações entre as empresas e a nossa comunidade, seja no campo da pesquisa, do ensino ou da extensão. Atualmente, existem 56 instituições instaladas no Parque, sendo 14 grandes empresas, 6 pequenas e médias companhias, 29 startups, além de 7 laboratórios. Ou seja, no Parque conseguimos criar um ecossistema de inovação. Um aluno pode, na Universidade, estudar, pesquisar, empreender e trabalhar. Por outro lado, a empresa tem acesso ao que há de mais inovador em suas áreas por meio das pesquisas realizadas nos laboratórios da Universidade ou, ainda, a produtos e serviços

gerados pelas empresas da Incubadora da Coppe/UFRJ.

G&G - Quais são os pré-requisitos para a instalação de uma empresa no Parque?

José Carlos Pinto - O principal critério é a capacidade da empresa de inovar por meio de pesquisa e desenvolvimento, sendo neste caso, essencial o desenvolvimento de parceria com a Universidade. E nossa missão é justamente estimular companhias de base tecnológica interessadas em interagir com a UFRJ. Aqui elas podem se instalar em bases privilegiadas, com incentivos para instalação, assessoria jurídica e um ambiente permanente de discussão de tecnologias. As empresas residentes no Parque firmaram, até janeiro de 2015, um total de 315 contratos com laboratórios, unidades e docentes da Universidade. Foram despendidos R\$ 120 milhões, por parte das empresas, nestas parcerias com a UFRJ até o período acima citado.

G&G - Qual foi o modelo de gestão que orientou a concepção do Parque Tecnológico?

José Carlos Pinto - O histórico da inovação tecnológica no campus da UFRJ remonta a duas importantes iniciativas pioneiras, que abriram o caminho até a aprovação do Parque Tecnológico pelo Conselho Universitário. Em 8 de maio de 1997; a criação do Instituto Alberto Luis Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da UFRJ (Coppe) e a instalação do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (Cenpes), da Petrobras, na UFRJ. Estes foram os pilares para que o projeto do Parque fosse aprovado há 17 anos. A partir desse momento, foram seis anos de obra até a instalação efetiva do Parque, em 30 de abril de 2003.

Em 1970, a Petrobras resolveu instalar o seu centro de pesquisas dentro do campus da UFRJ. A convivência de uma grande empresa, que buscava ser cada vez mais inovadora, e uma universidade de pesquisa deu frutos para o Brasil como, por exemplo, as inúmeras conquistas no desenvolvimento da tecnologia offshore. Além desse cenário, a descoberta do Pré-Sal, anunciada em 2007, fez com que a vocação inicial

do Parque Tecnológico fosse voltada para atividades de pesquisa e desenvolvimento de empresas voltadas para o mercado de óleo e gás. Aquele período foi o de maior impulsão da chegada de novas empresas do setor (nacionais e multinacionais) ao Parque Tecnológico da UFRJ. No entanto, a oportunidade de integração com um universo acadêmico de altíssima qualidade também atraiu empresas dos mais diversos setores, entre elas Ambev, L’Oreal e GE.

A reunião, em um mesmo ambiente, de um conjunto de empresas e instituições de pesquisas mobilizadas por desafios tecnológicos importantes é o ‘ponto chave’ dos parques tecnológicos. Nosso modelo se baseou no desafio de atrair esses atores para o local. O Parque Tecnológico busca empresas que atuam na área de pesquisa e desenvolvimento, organizações sem fins lucrativos e demais companhias que mantenham ou pretendam estabelecer parcerias em pesquisa, desenvolvimento e inovação com a UFRJ.

G&G - Poderia citar as empresas que entraram no Parque nesses anos, e quais permanecem? Há um índice de evasão dessas empresas? Ou rotatividade? Em caso afirmativo, qual o cenário?

José Carlos Pinto - Atualmente, 56 instituições fazem parte do Parque Tecnológico da UFRJ. Hoje estão instalados centros de pesquisa de 14 grandes empresas, 6 pequenas e médias, além de 7 laboratórios da própria UFRJ, entre eles o LabOceano - primeira instituição a ser instalada no Parque, em 2003. No Parque, está instalada também a Incubadora da Coppe, que, atualmente, abriga 29 startups. Outras 61 empresas de base tecnológica foram formadas na Incubadora.

Em 2003, três anos após o início das obras, o Parque Tecnológico abriu suas portas com a inauguração do Laboratório de Tecnologia Oceânica, o LabOceano/Coppe. O LabOceano é o tanque oceânico mais profundo do mundo, que permite a simulação realista das principais características do meio ambiente oceânico, atendendo, assim, às necessidades e ao alto padrão de exigência impostos pela indústria

offshore. Em 2009, tivemos a instalação da primeira empresa de médio porte, a Pam Membranas. Oriunda da Incubadora de Empresas da Coppe/UFRJ é a pioneira na fabricação de membranas de microfiltração, tecnologia de ponta para reuso da água. Em 2010, foi inaugurada a primeira empresa de grande porte do Parque, a multinacional Schlumberger, maior empresa prestadora de serviços para campos de petróleo do mundo e que emprega mais de 130.000 funcionários de mais de 140 nacionalidades, que atuam em aproximadamente 80 países.

Não temos evasão de companhias. Somos um Parque recente, em fase de crescimento e que, atualmente, em meio ao processo de diversificação das suas atividades vem atraindo, cada vez mais, instituições voltadas para a pesquisa e desenvolvimento no Brasil. Temos rotatividade na Incubadora de Empresas da Coppe/UFRJ, porque o objetivo da própria incubadora é sempre promover a entrada de novas companhias e a graduação das outras para sua inserção no mercado de trabalho.

G&G - O que as atrai ao Parque e ao Fundão?

José Carlos Pinto - O principal impulso para uma empresa optar por se instalar no Parque Tecnológico da UFRJ é a possibilidade de reunir, em um mesmo ambiente, um conjunto de empresas e instituições de pesquisas mobilizadas por desafios tecnológicos importantes. O grande critério que está por trás da vinda de uma empresa para o Parque é a sua capacidade de inovar por meio de Pesquisa e Desenvolvimento, fruto de uma parceria entre academia e empresas, para a geração de tecnologia de ponta de altíssima qualidade, cada uma em sua área de atuação. As pesquisas geralmente estão atreladas às reais necessidades das companhias no desenvolvimento de novas tecnologias que solucionem problemas de seu dia a dia ou que permitam melhoria em seus sistemas.

O Parque possui um time especializado na promoção da interação entre as suas empresas e as startups da Incubadora de Empresas da Coppe com unidades/grupos de pesquisa da UFRJ e,

desta forma, viabiliza parcerias capazes de promover inovações. O Parque também acompanha a gestão das pequenas e médias empresas instaladas e realiza atividades que estimulem o relacionamento entre as organizações residentes e demais públicos de interesse. Há também auxílio à ampliação do networking das companhias, principalmente as de menor porte e em estágio inicial de atuação. Além da proximidade com a academia, pesquisa de ponta e o acesso à mão de obra altamente qualificada, o Parque possui infraestrutura adequada e completa para receber empresas de todos os portes e setores. Entre os serviços, estão: limpeza e iluminação pública, segurança 24 horas, ronda monitorada, malha urbana com fibra ótica, iluminação sustentável, coleta de lixo e manutenção civil e elétrica das áreas comuns.

G&G - A meta de transformar em benefícios acadêmicos as inovações produzidas nos laboratórios das empresas no Parque vem tendo sucesso?

José Carlos Pinto - Abaixo citamos casos de sucesso das instituições que fazem parte do Parque e que são apenas alguns dos exemplos que reafirmam a missão do Parque.

5. Pequenas e médias empresas

Ambidado: Companhia de médio porte instalada no Parque desenvolveu a Boia Meteoceanográfica utilizada para aquisição de dados em tempo real em qualquer lugar do oceano, coletando os dados relativos à oceanografia para auxiliar o mercado offshore com informações altamente confiáveis.

6. Incubadora

Oilfinder: Empresa residente da Incubadora de Empresas da Coppe/UFRJ desenvolveu tecnologia pioneira capaz de identificar a localização de fontes de petróleo no fundo do mar, usando apenas tecnologias remotas, evitando, assim, todos os riscos ambientais e operacionais associados à logística de embarcações e equipamentos.

SeaHorse: Empresa residente da Incubadora de Empresas da Coppe/UFRJ criou um sistema inovador capaz de gerar eletricidade por meio da ação das ondas do mar. A mesma tecnologia pode, também, ser empregada para dessalinizar a água do mar e, desta forma, produzir água potável para o consumo humano, industrial e irrigação.

G&G - Gerar emprego e renda é uma meta fundamental do Parque, ou isso é a consequência da qualidade dos projetos em desenvolvimento?

José Carlos Pinto - O conhecimento pode gerar emprego e renda, justamente por meio da transferência das tecnologias geradas nas universidades e instituições de pesquisa para empresas que possam transformar esse conhecimento em produtos e serviços para sociedade. Os ambientes planejados para a inovação, como os parques tecnológicos e as incubadoras de empresas, são locais privilegiados para que essa transformação aconteça.

7. Anexos

Figura 1 – Vista aérea do Parque Tecnológico da UFRJ



Fonte: www.oglobo.globo.com

Figura 2 – As empresas EMC², Sistemas e BG vão se somar aos empreendimentos nas áreas de energia, meio ambiente e tecnologia da informação que já estão instalados no Parque Tecnológico da Ilha do Fundão



Fonte: www.poli.ufrj.br/noticias/noticias.php?numnews=2139

Figura 3 – Centro de Excelência de Tecnologia da Informação e Comunicação – CE_TIC



Fonte: www.rio-negocios.com

Figura 4 – Auditório do Parque Tecnológico da UFRJ



Fonte: www.poli.ufrj.br